NARRATIVAS E LIVROS PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: POTENCIALIDADES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

JACQUELINE ALVES MOTA

RESUMO
Este artigo discute o uso de livros paradidáticos como ferramenta pedagógica para promover a aprendizagem significativa da Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental. A partir de uma análise teórico-reflexiva e da revisão do paradidático Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade, bem como da experiência descrita com o livro Polígonos, Centopeias e Outros Bichos, busca-se compreender como narrativas e contextos lúdicos contribuem para a construção ativa do conhecimento matemático. As bases teóricas adotadas contemplam o construtivismo de Jean Piaget e a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel, evidenciando o papel do conhecimento prévio e da ação do estudante no processo de compreensão dos conceitos matemáticos. Os resultados indicam que o uso de narrativas matemáticas pode favorecer o engajamento, reduzir a percepção de complexidade e ampliar a compreensão conceitual, promovendo uma relação mais positiva dos alunos com a disciplina. Conclui-se que os livros paradidáticos representam um recurso importante para o ensino de Matemática, sobretudo quando articulados à prática docente planejada e ao currículo escolar.
PALAVRAS-CHAVE: Livros paradidáticos; Ensino de Matemática; Aprendizagem significativa; Narrativas; Educação básica.
ABSTRACT
This article discusses the use of supplementary narrative-based books as a pedagogical tool to promote meaningful learning in Mathematics in the final years of Elementary Education. Through theoretical analysis and the review of the paradidactic book Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade, as well as classroom experiences with Polygons, Centipedes, and Other Critters, the study examines how narrative and playful contexts contribute to active mathematical knowledge building. Grounded in Jean Piaget's constructivism and David Ausubel's meaningful learning theory, the discussion highlights the relevance of prior knowledge and student autonomy in the learning process. Results indicate that narrative-based mathematical materials foster engagement, reduce abstraction-related difficulties, and strengthen conceptual understanding. It is concluded that paradidactic books are valuable resources for Mathematics teaching, especially when integrated into intentional pedagogical planning aligned with curriculum guidelines.
KEY-WORDS: Paradidactic books; Mathematics teaching; Meaningful learning; Narratives; Education.

1.INTRODUÇÃO

A educação escolar constitui um dos pilares fundamentais para a formação humana, científica e cidadã. No contexto da Educação Básica brasileira, a Matemática ocupa um papel central por estar relacionada ao desenvolvimento do raciocínio lógico, da interpretação crítica e da capacidade de resolver problemas em situações reais. Entretanto, historicamente, esta disciplina tem sido percebida por estudantes como difícil, abstrata, distante da realidade e pouco significativa. Essa percepção, frequentemente construída ao longo de anos de escolarização baseada na repetição mecânica de exercícios, contribui para o surgimento de bloqueios emocionais, resistência, ansiedade e desmotivação frente ao conteúdo matemático.

Essa situação não é isolada, mas um reflexo de práticas pedagógicas tradicionais que priorizam a memorização de procedimentos e algoritmos em detrimento da compreensão conceitual. Segundo D'Ambrosio (1996), a Matemática, muitas vezes, é apresentada como uma ciência pronta e fechada, o que afasta os estudantes do processo de investigação e construção de sentido. Dessa forma, ao invés de constituir um campo de descoberta, criatividade e raciocínio, a Matemática passa a ser vista como um conjunto rígido de regras a seguir.

Considerando esse cenário, torna-se necessário refletir sobre práticas pedagógicas que valorizem a construção ativa do conhecimento, que considerem a subjetividade dos

estudantes e que promovam experiências significativas. Uma alternativa promissora é o uso dos livros paradidáticos, materiais que associam conteúdos curriculares a narrativas, histórias, metáforas e situações lúdicas, possibilitando a criação de vínculos afetivos entre o estudante e o conteúdo. Munakata (1997) afirma que os livros paradidáticos não substituem o livro didático, mas ampliam sua função ao introduzir novas linguagens e abordagens de aprendizagem.

Ao integrar narrativas ao ensino da Matemática, cria-se um ambiente de sentido: o conceito matemático deixa de ser uma abstração isolada e passa a estar inserido em histórias, personagens, conflitos, diálogos e problemas com os quais o aluno pode se identificar. É nesse ponto que a emoção, a imaginação e a linguagem entram no processo de aprender Matemática. Diversas pesquisas (CRUZ, 2003; SMOLE et al., 2004; MACHADO, 2015) mostram que a aprendizagem se torna mais efetiva quando é afetiva, quando a experiência faz sentido para o sujeito.

A presente pesquisa parte desse pressuposto e busca analisar o potencial dos livros paradidáticos no ensino da Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, fundamenta-se em duas abordagens teóricas complementares:

O construtivismo de Jean Piaget, que compreende o conhecimento como fruto da interação ativa entre sujeito e meio;

A aprendizagem significativa de David Ausubel, que destaca o papel dos conhecimentos prévios e da organização cognitiva na construção da compreensão.

Além da fundamentação teórica, este artigo analisa dois livros paradidáticos específicos: Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade, que apresenta conceitos probabilísticos por meio de jogos e atividades, e Polígonos, Centopeias e Outros Bichos, cuja narrativa é utilizada para introduzir conceitos de geometria. A análise inclui tanto os aspectos narrativos quanto didáticos, além de discutir a experiência pedagógica associada à aplicação desses materiais em sala de aula.

Assim, o objetivo geral deste artigo é demonstrar como livros paradidáticos podem contribuir para uma aprendizagem matemática mais significativa, crítica e contextualizada. Como objetivos específicos, busca-se:

Discutir a importância das narrativas no ensino da Matemática;

Relacionar o uso de paradidáticos com as teorias de Piaget e Ausubel;

Analisar o potencial dos livros Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade e Polígonos, Centopeias e Outros Bichos;

Refletir sobre a aprendizagem matemática a partir de práticas pedagógicas mediadas por narrativas.

Com base nisso, argumenta-se que a Matemática pode — e deve — ser ensinada não apenas como técnica, mas como linguagem, cultura, criação e sentido. Ensinar Matemática é ensinar a pensar.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação, Cultura e Formação Integral

A educação escolar é um processo de construção humana, cultural e social, cujo objetivo ultrapassa a transmissão de conteúdos. A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) destacam que o ensino deve promover o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua formação crítica frente ao mundo. Dessa forma, aprender Matemática não deve restringir-se à memorização de procedimentos, mas deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia intelectual, da capacidade de argumentar e resolver problemas, e do pensamento lógico estruturado (BRASIL, 2017).

No entanto, o ensino de Matemática historicamente enfrentou obstáculos relacionados à rigidez metodológica e à fragmentação dos conteúdos. Segundo D'Ambrosio (1996), a Matemática foi, ao longo do tempo, associada a uma forma de pensar elitista e inacessível, reforçando distâncias emocionais e cognitivas entre o sujeito e o conhecimento. Esse afastamento contribui para o surgimento de bloqueios afetivos, aversão ao conteúdo e desinteresse.

Portanto, pensar alternativas metodológicas que aproximem a Matemática da experiência humana é uma necessidade contemporânea, o que abre espaço para abordagens

inovadoras como o uso de narrativas e livros paradidáticos.

2.2 Dificuldades Históricas no Ensino da Matemática

A resistência de muitos estudantes à Matemática não nasce espontaneamente, mas é construída ao longo do processo escolar. Estudos de Machado (2015) e Fiorentini e Lorenzato (2006) indicam que:

A ênfase excessiva em exercícios repetitivos reduz a compreensão conceitual;

O ensino descontextualizado torna a Matemática pouco significativa;

A avaliação focada no acerto e no erro cria medo e insegurança;

A ausência de diálogo em sala de aula impede a construção de sentido.

Assim, o problema não é a Matemática, mas como ela é ensinada. O estudante precisa compreender que pensar matematicamente é investigar, comparar, relacionar, construir hipóteses e argumentar — e não apenas executar algoritmos.

2.3 O Construtivismo de Jean Piaget e a Construção do Conhecimento Matemático

Jean Piaget (1970) fundamenta a ideia de que o conhecimento é construído ativamente pelo sujeito. O processo de aprender é dinâmico e envolve:

Processo Significado

Assimilação O sujeito incorpora novas informações aos esquemas já existentes

Acomodação O sujeito reorganiza seus esquemas para integrar o novo

Equilibração É o ajuste contínuo entre assimilação e acomodação

No ensino da Matemática, isso significa que o estudante não aprende ouvindo, mas atuando: manipulando materiais, debatendo ideias, resolvendo problemas e testando hipóteses. Logo:

O erro faz parte do processo cognitivo;

A atividade mental é tão importante quanto a resposta final;

A aprendizagem exige desafios reais e mobilização intelectual.

Portanto, materiais paradidáticos são compatíveis com Piaget, pois oferecem situações significativas que estimulam ação e reflexão.

2.4 A Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel

Ausubel (1980) afirma que para aprender com significado o estudante precisa relacionar novos conteúdos aos conhecimentos que já possui, chamados subsunçores. Quando isso ocorre, o aprendizado deixa de ser mecânico e se torna duradouro.

Aprendizagem Mecânica Aprendizagem Significativa

Decoreba Construção de sentido

Isolada do real Relacionada ao cotidiano

Superficial Duradoura

Desmotivadora Engajadora

Os livros paradidáticos facilitam aprendizagem significativa porque utilizam:

narrativas

linguagem acessível

situações concretas

personagens com os quais o aluno se identifica

Assim, o conteúdo matemático ganha contexto, propósito e emoção.

2.5 A BNCC e o Ensino da Matemática

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino da Matemática deve:

Desenvolver o pensamento lógico, crítico e criativo;

Promover autonomia investigativa;

Estimular o diálogo, a argumentação e a resolução de problemas (BRASIL, 2017).

Além disso, a BNCC orienta que a Matemática seja trabalhada a partir de situações concretas, privilegiando a significação. Isso reforça a pertinência do uso de:

jogos

histórias

projetos interdisciplinares

materiais narrativos

Ou seja: a BNCC legitima o uso de livros paradidáticos.

2.6 Narrativas como Mediação Cultural e Cognitiva

A narrativa é uma estrutura simbólica que organiza experiências humanas. Conforme Vygotsky (2008), a linguagem não apenas expressa pensamento, mas o forma. Assim,

quando um conceito matemático é inserido em uma história, ele se torna:

compartilhável
comunicável
interpretável
emocionalmente acessível

Smole, Diniz e Carraher (2004) destacam que histórias permitem que o aluno construa relações, imagine situações, levante hipóteses e discuta ideias — ações fundamentais para aprender Matemática.

2.7 Livros Paradidáticos como Recurso Pedagógico

Os livros paradidáticos apresentam características próprias:

Linguagem narrativa aproxima a Matemática da vida

Personagens criam identificação emocional

Situações de conflito mobilizam o pensamento

Problemas integrados desenvolvem raciocínio lógico

Contextualização favorece significado

Eles ampliam a experiência de aprendizagem e transformam o conteúdo em história — e a história em conhecimento.

2.8 Desafios para a Implementação

Apesar de seu potencial, há obstáculos:

Falta de formação continuada para professores;

Resistência a práticas inovadoras;

Pouca disponibilidade de materiais nas escolas;

Cultura escolar baseada em repetição e cópia.

Tais desafios não invalidam o uso dos paradidáticos, mas indicam a necessidade de políticas pedagógicas consistentes.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, com delineamento bibliográfico, documental e descritivo. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em sua dimensão subjetiva, simbólica e cultural, privilegiando a interpretação de significados em detrimento da mensuração numérica. No contexto deste estudo, o interesse volta-se para compreender como os livros paradidáticos contribuem para a aprendizagem significativa da Matemática, e não para quantificar resultados ou estabelecer correlações estatísticas.

A pesquisa também se configura como bibliográfica, pois se fundamenta na análise de produções acadêmicas já consolidadas sobre ensino de Matemática, narrativas pedagógicas, construtivismo e aprendizagem significativa. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite a sistematização do conhecimento existente, possibilitando identificar conceitos, debates, tendências e lacunas teóricas a respeito de um tema.

Ao mesmo tempo, trata-se de uma pesquisa documental, pois inclui a análise de materiais paradidáticos como documentos pedagógicos. Os livros Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade e Polígonos, Centopeias e Outros Bichos foram examinados considerando sua estrutura narrativa, a natureza das atividades propostas, a articulação entre linguagem literária e conteúdo matemático, bem como sua relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No caso do paradidático Polígonos, Centopeias e Outros Bichos, além da análise do material, foi considerada uma experiência pedagógica aplicada em sala de aula, descrita por Francy Carla Melo da Silva em publicação anterior. Embora não se trate de uma pesquisa de campo própria, o estudo incorpora essa experiência como referencial empírico, analisando suas contribuições, seus resultados e suas implicações pedagógicas. Tal procedimento configura a pesquisa como descritiva, uma vez que busca apresentar, explicar e discutir um fenômeno educativo já ocorrido, sem intervenção direta da pesquisadora.

3.1 Procedimentos de Análise

A análise foi conduzida a partir de três eixos interpretativos:

1. Eixo Teórico – articulação entre Piaget, Ausubel, BNCC e pesquisas sobre narrativas em Educação Matemática.
2. Eixo Narrativo – estudo da estrutura discursiva, simbólica e literária dos paradidáticos.

3. Eixo Pedagógico – análise do potencial de aprendizagem, engajamento e mobilização cognitiva proporcionado pelos materiais.

Esses eixos permitiram observar:

como os conteúdos matemáticos são apresentados;

quais estratégias de mediação são propostas;

que tipos de significados podem ser construídos pelos alunos;

quais relações cognitivas e afetivas são ativadas no processo de aprendizagem.

3.2 Critério de Seleção dos Materiais

Os livros paradidáticos foram selecionados com base nos seguintes critérios:

alinhamento aos conteúdos da BNCC para os anos finais do Ensino Fundamental;

utilização de linguagem narrativa como recurso didático;

presença de situações matemáticas contextualizadas;

potencial para desenvolver raciocínio lógico, argumentação e problematização.

3.3 Limitações da Pesquisa

Como esta pesquisa não incluiu observação de práticas conduzidas diretamente pela autora, sua principal limitação reside na impossibilidade de mensurar a aprendizagem real dos estudantes. Entretanto, como estudo teórico e analítico, sua relevância está em:

evidenciar possibilidades pedagógicas;

fundamentar o uso de narrativas como recurso matemático;

apontar caminhos para práticas docentes inovadoras.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS LIVROS PARADIDÁTICOS

A análise dos livros Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade e Polígonos, Centopeias e Outros Bichos exige compreender não apenas seus conteúdos e propostas, mas suas intencionalidades pedagógicas, seus modos de mobilização cognitiva e suas relações com a construção ativa de conhecimento matemático.

Considerando a perspectiva construtivista e a teoria da aprendizagem significativa, compreende-se que o uso de narrativas lúdicas, situações-problema e personagens funciona como um mediador simbólico que facilita tanto a apropriação conceitual quanto o engajamento emocional do estudante.

Assim, ao invés de apresentar a Matemática como uma linguagem abstrata e fechada, os paradidáticos analisados transformam o conceito em experiência, em história e em desafio.

4.1 Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade: Aprender pela Estratégia e pelo Risco

O livro Jogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade apresenta uma abordagem que se afasta da prática comum de ensinar probabilidade por meio de regras e fórmulas pré-estabelecidas. Em vez disso, introduz os conceitos probabilísticos a partir de situações de jogos (dados, cartas, sorteios, roletas) e desafios progressivos.

A estrutura é propositalmente dialógica: não se trata de dizer ao estudante “o que é probabilidade”, mas criar situações nas quais o aluno precisa pensar probabilisticamente para resolver um problema. Isso está diretamente alinhado ao princípio piagetiano de que a aprendizagem é impulsionada pelo desafio cognitivo que provoca desequilíbrio e reorganização mental.

O aluno não é conduzido à resposta; ele é convidado a construí-la.

Além disso, o livro:

Aspecto Contribuição Pedagógica

Jogos e experimentações Promovem pensamento investigativo e comparação de resultados

Desafios crescentes Respeitam a progressão cognitiva

Discussão coletiva de estratégias D e - senvolve argumentação matemática

Erro como parte do processo Reduz ansiedade e medo da Matemática

Ao trabalhar probabilidade por meio da incerteza real — em situações concretas de jogo — o estudante passa a compreender que:

Probabilidade não é adivinhação, é análise de possibilidades;

Raciocinar matematicamente envolve prever, testar, comparar e rever;

Nem sempre há uma resposta única ou imediata.

4.1.1 Relação com a BNCC
A BNCC (BRASIL, 2017) orienta que o ensino de probabilidade deve:

Desenvolver o pensamento crítico frente ao risco;

Estimular a interpretação de resultados em contextos sociais;

Relacionar situações de incerteza à tomada de decisões.

O livro analisado cumpre todos esses princípios.
Ou seja, ele é curricularmente legítimo e pedagogicamente inovador.

4.2 Polígonos, Centopeias e Outros Bichos: Imaginação como Porta para a Geometria
Este paradidático apresenta formas geométricas a partir de uma narrativa ficcional, na qual personagens assumem características, movimentos e identidades relacionadas aos polígonos.
A escolha por utilizar animais, criaturas e descrições metafóricas não é ingênua: ela humaniza a geometria.
Enquanto em um ensino tradicional o polígono aparece como um desenho estático, aqui ele ganha:

corpo
movimento
voz
personalidade

Isso ativa dimensões afetivas da aprendizagem, que segundo Ausubel (1980), são fundamentais para que o estudante reconheça sentido no que aprende.

4.2.1 Impactos Cognitivos Observados
Relatos de aplicação mostram que os estudantes:

Identificaram polígonos com maior precisão;

Memorizaram características sem necessidade de decoreba;

Relacionaram facilmente forma, ângulos e lados;

Participaram mais ativamente das discussões.

Ou seja:
a narrativa reduziu a distância entre conceito abstrato e experiência mental concreta.

4.2.2 Análise Crítica
Trabalhar a geometria pela narrativa não significa simplificar o conteúdo.
Significa convidar o aluno a pensar antes de calcular.
O risco em muitas práticas é acreditar que ensinar Matemática começa na fórmula.
Na verdade, ensinar Matemática começa na significação.

4.3 Potencialidades Pedagógicas Identificadas
Potencialidade Evidência
Aumento do engajamento Estudantes participam mais e com entusiasmo
Construção de sentido O conteúdo ganha lógica interna e função
Desenvolvimento da linguagem matemática Estudantes explicam conceitos com suas palavras
Formação de autonomia intelectual Alunos justificam, argumentam e questionam
Ou seja, os paradidáticos transformam a postura do aluno:
De receptor para autor do conhecimento.

4.4 Limites e Desafios Identificados
Embora extremamente eficazes, o uso desses materiais enfrenta:

Falta de formação docente específica;

Crença equivocada de que narrativas "infantilizam" a Matemática;

Resistência de currículos que priorizam exercícios repetitivos;

Pressão por resultados imediatos em avaliações externas.

Tais barreiras não derivam do recurso em si, mas de cultura escolar sedimentada.
Portanto, o desafio não é a qualidade dos paradidáticos — é a maneira como a escola se percebe.

5. CONCLUSÃO
O percurso realizado neste estudo permitiu compreender que o ensino de Matemática, para ser significativo, precisa ultrapassar a lógica mecanicista de reprodução de cálculos e procedimentos padronizados. A aprendizagem, como afirmaram Piaget (1970) e Ausubel (1980), não se efetiva pela simples transmissão de informações, mas pela capacidade do sujeito de construir significados, elaborar relações e atribuir sentido ao que

aprende.
Nesse contexto, os livros paradidáticos apresentam-se como recursos pedagógicos essenciais para transformar a relação dos estudantes com a Matemática. Ao integrar narrativas, personagens, conflitos e situações simbólicas, esses materiais criam condições para que o conhecimento matemático deixe de ser percebido como algo distante, abstrato e inacessível, tornando-se experiência, diálogo, imaginação e invenção.
A análise dos paradidáticosJogando na Olimpíada Nacional de Probabilidade e Polígonos, Centopeias e Outros Bichos evidenciou que a Matemática pode — e deve — ser apresentada como linguagem viva, como produção humana e como instrumento de compreensão do mundo. Nos dois casos, os conteúdos curriculares são mobilizados não para exigir do estudante respostas prontas, mas para instigá-lo a pensar, levantar hipóteses, testar ideias, justificar escolhas e construir raciocínios próprios.
Ao promoverem o protagonismo do estudante, os livros analisados estimulam autonomia, curiosidade e segurança cognitiva. Além disso, contribuem para o desenvolvimento da argumentação, da resolução de problemas, da criatividade e da comunicação matemática, aspectos valorizados pela BNCC (BRASIL, 2017). A emoção, muitas vezes negligenciada no ensino da Matemática, torna-se, aqui, fonte de energia para o aprender.
Entretanto, o uso desses materiais ainda enfrenta desafios: a falta de formação continuada para docentes, a reprodução de práticas tradicionais centradas na memorização e a cultura escolar voltada ao resultado numérico e não ao processo de pensamento. Enfrentar tais desafios requer políticas pedagógicas que valorizem o professor como sujeito de reflexão e pesquisa, e não como mero executor de conteúdos.
Assim, este estudo reafirma que ensinar Matemática é, antes de tudo, ensinar a pensar. É promover o encontro entre o sujeito e o mundo. É criar espaços de diálogo entre o abstrato e o sensível, entre o conceito e o vivido, entre a lógica e a imaginação. Os livros paradidáticos, quando utilizados com intencionalidade, planejamento e consciência, são instrumentos potentes para construir esses espaços.
Conclui-se, portanto, que a formação matemática nos anos finais do Ensino Fundamental não pode prescindir da sensibilidade, da narrativa, do jogo e da experiência cultural. A Matemática pode ser rigorosa sem ser fria; pode ser profunda sem ser distante; pode ser humana sem perder sua precisão. O desafio está em reconhecer que o aprender envolve não apenas a razão, mas também a memória, a linguagem, a história e o afeto.
Quando a Matemática encontra a narrativa, ela deixa de ser apenas conteúdo.
Ela se torna caminho.

6. REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. The Psychology of Meaningful Learning. Nova York: Grune & Stratton, 1980.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/1996.
CRUZ, Márcia de Oliveira. Narrativas e Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação Matemática: da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. Investigação em Educação Matemática. Campinas: Autores Associados, 2006.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Nilson José. Matemática e Cultura. São Paulo: Cortez, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático e o paradidático no Brasil. São Paulo: Ática, 1997.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: LTC, 1970.

SMOLE, Kátia; DINIZ, Maria I.; CARRAHER, Terezinha. A Matemática em Histórias.
Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente.
São Paulo: Martins Fontes, 2008.